

Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas, Interpretações e Concepções

Entrevista

Prof. Dr. Yves de La Taille

Entrevistadores:

Patrícia Unger Raphael Bataglia (Unesp/Marília)

Rafael dos Reis Ferreira (UFRB)

Ana Claudia Saladini (UEL)

O título “Epistemologia Genética, Trajetórias Acadêmicas e Interpretações” é uma série de entrevistas com alguns dos principais estudiosos em Epistemologia Genética na atualidade. As questões foram apresentadas aos entrevistados considerados pelos Editores da Revista Schème de notável saber na área. Um dos principais objetivos é ampliar as discussões em Epistemologia Genética e possibilitar aos leitores a comparação das diversas interpretações e concepções dos temas em evidência. As questões foram enviadas por e-mail aos professores e pesquisadores dando-lhes o espaço que achassem necessários para respondê-las. Agradecemos imensamente a disponibilidade de todos os entrevistados e o respeito pela nossa Revista.

Esse projeto teve um primeiro bloco de entrevistas, realizadas em 2012 e 2013, em que foram entrevistados: Profa. Dra. Zelia Ramozzi-Chiarottino

(IP-USP/Brasil), Prof. Dr. Jean-Marie Dolle (Université Lumière - Lyon 2/França), Profa. Dra. Silvia Parrat-Dayana (UNIGE/Suíça), Profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis (FE-Unicamp/Brasil). Demos início a um segundo bloco de entrevistas com a entrevista com o Prof. Dr. Fernando Becker (UFRGS) realizada em 2019. O nosso entrevistado agora é o Prof. Dr. Yves de La Taille (IP/USP).

Conforme consta em seu Currículo Lattes, o Prof. Dr. Yves Joel Jean-Marie Rodolphe de La Taille é Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (USP). É especialista em Psicologia do Desenvolvimento e realiza pesquisas na área de Psicologia Moral, tendo publicado diversos artigos, capítulos de livros e livros sobre o tema. Dentre os livros, destacam-se “Vergonha, a ferida moral” (2002), “Formação Ética: do tédio ao respeito de si” (2009), “Crise de valores ou valores em crise” (2009), “Ética para meus pais” (2011), “Humor e Tristeza: o direito de rir” (2014), “Paisagens da dignidade na obra musical de Chico Buarque de Hollanda” (2019); em especial, seu livro “Moral e Ética, Dimensões Intelectuais e afetivas” (2006) recebeu o prêmio Jabuti em 2007. Orientou diversas teses de doutorado e mestrado. O Professor é uma referência nos estudos sobre moral e ética no âmbito da Teoria de Jean Piaget e suas articulações com outras teorias.

Revista Schème: Quais foram as principais motivações que levaram você a se interessar pelo pensamento de Jean Piaget?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Antes de mais nada, devo dizer que foi graças à Professora Zélia Ramozzi-Chiarottino, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que me interessei por, mais ainda, que me encantei com a teoria de Jean Piaget. Tenho por ela uma gratidão profunda. Como aconteceu? Eu estava iniciando o quarto semestre*

do curso de Psicologia e andava meio amuado: das aulas que já havia tido, nenhuma abordagem até então apresentada me agradava. Duas em particular, bem fortes no universo teórico da psicologia, me pareciam suspeitas: o Behaviorismo e a Psicanálise. Para mim, evidentemente ainda ingênuo academicamente falando, o Behaviorismo apresentava muitos dados, mas pouca teoria. Pelo avesso, a Psicanálise, que encantava a maioria de meus colegas, apresentava muita teoria, mas poucos dados. E havia uma outra razão para não aderir sem receios a essas duas vertentes: elas apresentavam um sujeito essencialmente heterônomo e passavelmente irracional, quase que vivendo à revelia de si mesmo, seja sendo de certa forma manipulado por condicionamentos, seja atropelado pelas suas pulsões. Ora, por um lado, tal forma heterônoma de crescer e viver não me parecia corresponder à toda realidade existencial do ser humano, pois eu intuía ser a autonomia uma dimensão possível e a razão um elemento incontornável. Por outro, se eu estivesse errado e se os homens e as mulheres fossem irremediavelmente heterônomos, seguir estudando o ser humano não me interessava (devo dizer que, já nessa época, descartava ser psicólogo clínico). Foi com esse estado de espírito pessimista que assisti às primeiras aulas da Professora Zélia na disciplina Pensamento e Linguagem. Certamente em razão da maneira como apresentou a teoria de Piaget, foi, para mim, um ‘coup de foudre’, expressão francesa para amor à primeira vista. Eu via na teoria piagetiana muitos dados, muita reflexão e um real equilíbrio entre o empírico e o teórico, equilíbrio este de que, como dito, sentia cruelmente a falta no Behaviorismo e na Psicanálise. Com efeito, são raros os livros com tantos dados com é o caso do “Nascimento da Inteligência” e a “Construção do real”, textos escolhidos pela Professora Zélia para a suas aulas. E também são raros os livros que, como os dois citados, apresentam uma reflexão aprofundada sobre a construção da inteligência e do próprio sujeito e, correlativamente, a construção do mundo real.

A partir dessas primeiras aulas, meu currículo dividiu-se em dois: o currículo oficial e um currículo particular feitos dos livros de Piaget que eu comprava na Livraria Francesa. Eu os comprava e lia sem planejamento: lia todos os livros de Piaget

que por acaso eu achava nas estantes desta tradicional livraria paulistana. E, logo, foi por acaso que comprei “Le Jugement moral chez l’enfant”. Foi um segundo ‘coup de foudre’ e então decidi que a moral, a ética e seu desenvolvimento consistiriam em meu tema de pesquisa e reflexão. É claro que tendo Piaget escrito apenas um livro a respeito, tive de estudar muitos outros autores da Filosofia e da Psicologia para adentar esse campo. Mas a teoria de Piaget permaneceu sendo o fio condutor. Vale lembrar que, embora obra isolada, “Le Jugement moral chez l’enfant” está em harmonia com sua teoria geral. Aliás, eu acrescentaria que quem apenas lê esse livro e desconhece os outros não pode realmente apreender o seu sentido e sua força teórica.

Revista Schème: Em linhas gerais, como se dá apropriação da obra de Piaget no Brasil? Quais avanços e retrocessos? Existem novidades? Quais seriam suas sugestões para os novos estudos e pesquisas no Brasil?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Se minha memória não falha, creio saber que o primeiro texto de Piaget publicado no Brasil o foi numa revista de educação do Estado de São Paulo. Lembro desse fato porque o universo da educação no Brasil foi e ainda é importante para a apropriação e divulgação da obra de Piaget. Lembremos, por exemplo, de Lauro de Oliveira Lima, educador, que se inspirou na Epistemologia Genética e a divulgou notadamente para os professores. Mas tal associação entre pedagogia e a obra de Piaget é, penso, característica bem brasileira. À guisa de exemplo, recordo, em 2000, em Genebra, ter assistido a uma palestra para professores locais na qual a palestrante apresentava o básico das pesquisas de Piaget sobre a gênese da construção do número pelas crianças. Qual não foi minha surpresa quando percebi que esses professores jamais haviam ouvido falar nessas pesquisas (que foram publicadas em 1941!) e pareciam nunca haver lido uma linha sequer da obra do seu ilustre conterrâneo. Tal não é o caso no Brasil.*

Isto posto, a apropriação da obra de Piaget pela educação levanta uma questão relevante: é a teoria de Piaget uma teoria de Psicologia do desenvolvimento infantil? Eu responderia que sim e que não. Começamos pelo não, atentando para o fato de Piaget ter chamado a sua teoria de Epistemologia (genética). Com efeito, seu objetivo primordial é estudar a gênese da construção da inteligência e a formação do conhecimento do meio ambiente (físico e social) correlata. Logo, seu objetivo não é estudar a criança e o adolescente em si. Aliás, durante uma conversa com Jean-Claude Bringuier, Piaget afirma que teria sido ideal para a sua empreitada reconstituir a história do pensamento, notadamente nos estádios os mais primitivos, pré-históricos. Mas como isso é impossível, optou por estudar trajetórias individuais observando bebês, observando e entrevistando crianças e adolescentes que são exemplos vivos de seres que estão em pleno processo de gênese de sua inteligência e formação de seus conhecimentos. Dito de outra forma, se Piaget optou por pesquisar os primeiros doze, treze anos de vida foi por uma opção de método, não por um interesse intrínseco de elaborar uma teoria de desenvolvimento infantil. Mas o fato é que, na prática, acabou por elaborar também uma teoria do desenvolvimento infantil, aliás uma das mais completas e ricas que se conheça. Por isso respondo também afirmativamente à pergunta anteriormente colocada. Note-se que Piaget, baseado nos seus estudos, escreveu um livro que se intitula A Psicologia da criança. E se concebe mal uma disciplina universitária de Psicologia do Desenvolvimento que não incluísse no seu programa alguns dos inúmeros estudos de Piaget. É claro que não se trata de uma teoria do desenvolvimento infantil que abarque variados aspectos desse desenvolvimento (psicomotor, afetivo, socialização, etc.), pois ela se restringe ao desenvolvimento cognitivo e moral. Mas nesses dois campos, quantos dados e quantas reflexões! E isso nos traz de volta à educação. É justamente pelo fato de Piaget adubar o campo do desenvolvimento infantil que sua obra interessa (ou deveria interessar, como no caso dos professores suíços!) aos educadores, que justamente lidam com esse público. Alguns chegaram a pensar até que Piaget era educador... Falta acrescentar que a introdução e apropriação, no Brasil, da obra piagetiana não se deu e não se dá apenas pela educação, haja vista, por exemplo, o trabalho da já citada Professora Zélia que a intro-

duziu como Epistemologia, especialmente com suas relações com a Filosofia (principalmente a de Kant) e a Biologia. E muitas das pessoas formadas por ela na Graduação e na Pós-graduação permaneceram nessa linha e produzem pesquisas e artigos, alguns, por sinal, publicados na revista Schème. E há, claro, outros exemplos.

Quanto a avanços e retrocessos, vejo sobretudo avanços. Pode-se dizer que a presença e repercussão da Epistemologia Genética sofreu nesse século um retrocesso, notadamente pela recente notoriedade das chamadas Neurociências, ciências estas que devem, é preciso dizê-lo, muito aos trabalhos precursores de Piaget. Fiquei feliz quando meu filho Yann me contou que num curso sobre Neurociências ao qual assistiu, foi feita referência Piaget. Nada mais merecido, embora, creio, a maioria dos que trabalham nessa vertente não lê mais Piaget (ou jamais leu). Falando agora em avanços, eu não saberia dizer se realmente eles existem no seio da Epistemologia Genética ou se Piaget teria dado a última palavra. Não saberia dizer porque minha opção foi trabalhar com moral e ética. Em compensação, posso afirmar que nesse campo, houve reais avanços e ainda os há, notadamente no Brasil. Penso que é preciso também frisar que a teoria piagetiana é empregada em articulação com diversas áreas. É pelo menos o que minhas participações em bancas de mestrado e doutorado me mostraram: encontrei referências ao cientista suíço em áreas como Psicologia Clínica, Linguagem, Matemática, Filosofia, Direito, Desenvolvimento afetivo (Piaget chegou a dar um curso sobre o tema na Sorbonne) e, naturalmente, Educação.

Sugestões minhas para novos estudos e pesquisa no Brasil? Claro que eu teria para o meu campo de pesquisa, do qual certamente voltaremos a falar.

Revista Schème: Como um estudioso da Epistemologia Genética que você é, e já com sua maturidade intelectual, você vê limites ou fragilidades no pensamento de Piaget?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Fragilidades? Não creio que há. A ideia de fragilidade nos remete a algo que se quebra ou se desmancha facilmente. Ora, não somente a teoria de Piaget se apoia num número gigantesco de dados empíricos como apresenta articulações teóricas complexas. Dito de forma popular, tal teoria é extremamente bem ‘amarrada’. Lembro de um colega me dizer um dia, todo contente, que havia feito uma aplicação estatística aos dados de um dos experimentos realizado por Piaget e que tal aplicação não havia comprovado diferenças significativas entre as respostas dadas pelas crianças de diferentes idades. Respondi-lhe que ele provavelmente tinha razão em relação ao referido experimento, que certamente observaria diferenças estatisticamente significativas em vários outros, mas que o que conferia solidez às teses de Piaget era a convergência de vários dados em diferentes domínios (matemática, lógica, física e até moral) e a articulação conceitual proposta para interpretá-los. Outro exemplo que me ocorre são experimentos que procuravam mostrar que o bebê tem sim, bem antes do observado por Piaget, noção de objeto permanente, mas sem levar conta o que ele, Piaget, havia conceituado sobre tal objeto no processo de construção do real e os demais dados recolhidos por ele a esse respeito. Em uma palavra, a teoria de Piaget tem uma respeitável coesão interna e, portanto, ela é robusta. Cuidado, robusta não quer necessariamente dizer que ela é incontestável. Creio que foi o próprio Piaget que disse que às vezes acordava e se perguntava se tudo que havia elaborado era correto, se estava no caminho certo. Às vezes ele duvidava, o que é o próprio de um cientista.*

Isto nos leva à ideia de limitações. Por definição, toda teoria, por mais robusta e adequada à realidade que seja, tem limitações e será, um dia, corrigida e ultrapassada. Note-se que o próprio Piaget procurou a vida toda enriquecer (não tanto corrigir) sua teoria e submetê-la a novos desafios. Em 1950, ele publicou uma grande síntese de sua obra: “L’introduction à L’Epistemologie Génétique”. Acredito que, após publicar um livro como este, muitos autores se considerariam satisfeitos e até cessariam de colocar sua abordagem teórica à prova. Qual o quê! Durante anos Piaget seguiria fazendo pesquisas e mais pesquisas. Vinte e cinco anos depois, ele publica outra obra de síntese,

“L’Equilibration des structures cognitives: problème central du développement”. Hora de aposentar? Qual o quê! Ele não fecha a porta de seu laboratório e permanece buscando dados que fortaleçam sua teoria, com o evidente risco de enfraquecê-la se novos dados a contradissem, o que, segundo Piaget, não aconteceu, muito pelo contrário.

Permito-me finalizar dando um exemplo de limitação de teoria de Piaget na minha área de pesquisa. Refere-se ao desenvolvimento do juízo moral na criança. Como se sabe, Piaget descreve o desenvolvimento moral passando por três fases: anomia, heteronomia e autonomia. Logo, a fase de heteronomia corresponde ao que se pode chamar de despertar do senso moral, e tal despertar é, portanto, segundo Piaget, baseado na obediência em relação a figuras de autoridade cujo prestígio e palavras bastam para legitimar as regras morais. Pois bem, quem segue essa vertente teórica do desenvolvimento moral não contesta a função da autoridade na infância, mas pode se perguntar: somente a submissão a figuras de autoridade basta para descrever o mecanismo de despertar do senso moral? Perguntado de outra maneira, embora entenda-se perfeitamente a importância que confere Piaget à heteronomia, notadamente porque ele enxerga um paralelo entre o desenvolvimento moral infantil e a evolução histórica da moralidade que se encaminhou paulatinamente de estruturas autoritárias para outras nas quais tende a prevalecer a reciprocidade, será que outros fatores como o egoísmo, o medo, mas também o altruísmo, a generosidade não cumprem também um papel fundamental no despertar do senso moral? Foi respondendo a perguntas como essa que, inspirando-se de Piaget, outros autores deram uma descrição mais completa do desenvolvimento moral, como o fizeram Kohlberg e Turiel, para somente citar esses dois pesquisadores. Eu mesmo me deduzi sobre esse problema e descobri, pelo menos acho que descobri, por exemplo, a importância da virtude generosidade no referido despertar, como explicado no meu livro *“Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas”*. No Brasil, outros pesquisadores também contribuem para dar um quadro mais completo do desenvolvimento moral e da moralidade, como, por exemplo, Suzana Menin, que a eles associou a teoria das representações sociais, Lia Freitas, que se debruçou sobre o papel da gratidão e Patrícia Batáglia

que nos fala em competência moral. Evidentemente há outros mais, no mundo e no Brasil, que sem deixar de ser 'piagetianos', procuram superar limitações da teoria apresentada no seminal "Le Jugement moral chez l'enfant" (de 1932).

Revista Schème: Como a Epistemologia Genética é recebida atualmente por psicólogos, filósofos e biólogos? Há "barreiras" para o estudo do pensamento piagetiano no Brasil?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Jean Piaget foi um cientista sui generis! Biólogo de formação, epistemólogo de vocação, psicólogo de profissão, logico-matemático por necessidade (Agrupamentos, INRC) e, nas (poucas) horas vagas, autor de textos sobre Filosofia, Sociologia e Educação. Penso não ter esquecido nada. Acontece que cada área de conhecimento costuma padecer do que poderíamos chamar, metaforicamente, de 'nacionalismo', com fronteiras bem vigiadas para que 'imigrantes' tenham dificuldades para entrar. Ora, de certa forma, Piaget foi um imigrante em várias áreas, o que certamente suscitou e suscita até hoje desconfianças em relação à sua obra. Tal deve ser o caso para a Biologia e a Filosofia, mas não para a Psicologia, porque o seu trabalho não somente trouxe dados riquíssimos para essa área de conhecimento como, de fato, ele trabalhou como um psicólogo costuma trabalhar. Os psicólogos, mesmo sabendo dos objetivos epistemológicos de Piaget, podem dizer: 'ele é dos nossos'. Não creio que biólogos e filósofos digam o mesmo.*

Não sou a melhor pessoa para responder sobre como a Epistemologia Genética é recebida por biólogos. Na minha experiência pessoal, verifiquei que dentre os alunos que eu recebia de outras áreas, tanto na graduação quanto na pós-graduação, havia poucos biólogos. Na pós, isso pode se explicar pelo fato de minha matéria versar sobre moral e ética. Em compensação, na graduação, eu falava de Psicologia do Desenvolvimento e da Epistemologia Genética, e isto atraía alunos da Matemática, da Educação, das Ciên-

cias Sociais e até alguns de Direito, mas poucos da Biologia. Mas seria preciso fazer essa pergunta a outras pessoas.

Tampouco teria muita coisa a dizer sobre o recebimento dos trabalhos de Piaget pelos filósofos. Limitar-me-ia a dizer que, até onde eu saiba, nas reflexões sobre Epistemologia, o impacto da teoria de Piaget é limitado, notadamente se o compararmos à penetração das ideias de Popper e Kuhn. Será que o seu livro "Pshychogenèse et Histoire des Sciences", escrito com Rolando Garcia, foi bem recebido pelos epistemólogos? Não sei. Não sei nem se o leram. Em compensação sei que seus escritos sobre moral são conhecidos e discutidos pela Filosofia moral, com destaque para Habermas. Note-se também que na década de setenta estudiosos do marxismo aproximaram-se da obra de Piaget, dentre eles Lucien Goldman. Pouca gente sabe que nessa década, a Fondation Archives Jean Piaget organizou um debate em torno das relações possíveis entre as teorias de Jean Piaget e de Karl Marx. Ler os textos oriundos desse debate é muito edificante! Uns acham que a obra piagetiana é aquela que mais corresponde ao materialismo dialético (Piaget, ele mesmo, via afinidades, como se pode comprovar lendo o seu texto "L'Explication en Sociologie"), outros pensam que ela é diametralmente oposta ao pensamento do filósofo alemão. Vai entender! Não podemos esquecer que Piaget irritou muitos filósofos com seu pequeno e polêmico livro "Sagesse et illusions de la Philosophie".

Acabo com uma anedota. Numa entrevista realizada em 1976, pediram a Michel Foucault (outro ser sui generis, filósofo, historiador e sociólogo) o que ele pensava do fato de Piaget tê-lo chamado de estruturalista em seu livro "Le structuralisme". 'Je fulmine', respondeu um Foucault furibundo. E prosseguiu: "Eu acuso explicitamente de mentira e de mentira desavergonhada pessoas como Piaget que dizem que sou estruturalista. Piaget somente pode dizer uma coisa desta por mentira ou por asneira: ele que escolha". Imagino que Piaget nunca ficou sabendo da reação indignada do pensador francês e, logo, não teve de escolher...

Faltou dizer que não vejo barreiras para o pensamento de Piaget no Brasil, a não ser o fato de o atual governo mostrar menosprezo pelas Ciências Humanas (e pela ciência em geral), o que leva a corte verbas para as pesquisas nesta área.

Revista Schème: Piaget não deixou um grande herdeiro, mas nos deixou a Epistemologia Genética, cultivada em muitos lugares do mundo. Na sua opinião, quais são os principais centros de Epistemologia e Psicologia Genéticas (onde se faz as pesquisas e discussões mais relevantes) atualmente?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *De fato, Piaget não deixou um grande herdeiro, mas isso é comum a todos os grandes autores. Quem seriam os grandes herdeiros de Marx, Freud, Einstein, Greimas e outros mais? É verdade que alguns 'se acham' os legítimos sucessores, mas em geral não são vistos como tais pelos seus pares. Não há dinastias. Em compensação, o que fica são escolas de pensamento, e a Epistemologia Genética é uma delas. Creio que, hoje em dia, não há, no mundo, principais centros de Epistemologia Genética. Enfim, pessoalmente, não conheço. O próprio Centro Internacional de Epistemologia Genética, fundado por Piaget em Genebra não lhe sobreviveu. Mas, felizmente, tem gente no mundo que procura manter acesa a chama do pensamento de Piaget. É o caso do Brasil.*

Revista Schème: Parece-nos cada vez mais evidente que nossa sociedade vive, atualmente, uma crise de valores provocada por um individualismo extremo, banalização da vida e crescente violência. Poderiam as reflexões sobre a moralidade de Piaget explicar esta crise? Quais as suas principais contribuições para a explicação desta crise de valores?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Em 2009, Suzana Menin e eu organizamos e publicamos um livro intitulado “Crise de valores ou valores em crise” no qual se encontram oito pesquisas realizadas por membros do Grupo de Trabalho de Psicologia Moral da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp). O objetivo das pesquisas era verificar se podíamos observar no mundo contemporâneo brasileiro uma crise de valores, ou seja, uma depreciação ou até abandono de valores como justiça, generosidade, civismo, tolerância e outros mais, ou se haveria, não uma depreciação ou abandono de tais valores, mas sim uma necessidade de reinterpretção destes, necessidade esta que chamamos de valores em crise. Ora, os dados que encontramos associam-se mais a valores em crise do que crise de valores. A virtude justiça, por exemplo, permanece valorizada, assim como a generosidade. Se permanecemos apenas com esses dados, não poderíamos pensar que, como formulado na pergunta, nossa sociedade vive, atualmente, uma crise de valores provocada por um individualismo extremo, banalização da vida e crescente violência. No entanto, mesmo sem querer pintar um quadro demasiadamente sombrio da sociedade atual, não se pode negar que, sim, há individualismo egoísta, há banalização da vida (como se vê nos pronunciamentos de certos dirigentes políticos em plena pandemia do coronavírus), há violência. Como então admitir que convivem, hoje, por um lado juízos morais parecidos com aqueles que Piaget e Kohlberg sempre observaram nas suas pesquisas, e, por outro, um clima frequentemente deletério nas relações humanas? Perguntado de outra forma, que interesse temos em saber que a maioria das pessoas permanece dando valor a determinadas virtudes se isso não se verifica na prática, nos atos, nas ações? E nem precisamos pensar na vida contemporânea: enquanto Piaget publicava, em 1932, seu livro sobre o desenvolvimento do juízo moral na infância, livro que mostrava a evolução da heteronomia para a autonomia, que mostrava a valorização crescente da virtude justiça (igualdade, equidade) e das relações de cooperação, estava se preparando uma das guerras mais terríveis da história da humanidade com seu holocausto de trágica memória, fato que talvez tenha desencorajado Piaget a permanecer estudando a moral. Então, para responder à pergunta - poderiam as reflexões sobre a*

moralidade de Piaget explicar esta crise? – a resposta é não. Ou melhor, as reflexões de Piaget sobre a moralidade não são suficientes.

Explico.

A intenção de Piaget ao escrever “Le jugement moral chez l’enfant” era mostrar, por um lado, que há um desenvolvimento moral, uma construção da moralidade, e por outro, que tal evolução caminha em direção à autonomia, em direção à, como já dito, valorização da igualdade e da equidade. Kohlberg chegará a dizer que no estágio mais avançado do desenvolvimento do juízo moral (que ele chama de pós-convencional) são valorizados princípios universais de justiça. Aliás, ambos foram criticados por afirmarem que o desenvolvimento moral levaria necessariamente à adesão aos Direitos Humanos. Isto posto, não se pode esquecer que ambos também, e isto é da maior relevância, afirmaram que, na realidade, poucas ou até mesmo raras são as pessoas que chegam ao cabo de tal desenvolvimento. Piaget, em textos posteriores, escreveu que a pressão social em torno de valores morais é tal que a maioria permanece na heteronomia. Logo, se é verdade que vivemos na atualidade numa sociedade egoísta, se vivemos um clima no qual não há cooperação, não há valorização da reciprocidade, é porque a pressão social não permite o pleno desenvolvimento moral, sufoca as aspirações para a justiça, a reciprocidade, a liberdade que, pelo jeito, toda criança um dia nutre durante seu desenvolvimento. Cabe mais à Sociologia do que à Psicologia nos explicar porque vivemos numa sociedade que mais valoriza a competição, o cada um por si, os vencedores do que a fraternidade.

Porém, a explicação de condutas que ferem a moral pela simples presença da heteronomia é um pouco curta. Há outra questão de extrema relevância que pode ser assim colocada: o que garante que alguém capaz de discursos até elaborados sobre moral aja em coerência com o seu discurso? Por exemplo, o que garante que alguém que diz prezar a justiça agirá necessariamente de forma justa? Não se trata de afirmar que os juízos não desempenham papel algum na ação moral. Trata-se de dizer que certamente

não são suficientes com força motivacional para a ação. É preciso levar em conta a afetividade. Ora, os investimentos afetivos são justamente o que confere valor aos objetos investidos. Não temos na teoria de Piaget essa dimensão afetiva. Sei que ele deu um curso na Sorbonne sobre as relações entre a afetividade e a inteligência, mas ele estava mais interessado em mostrar o paralelo entre o desenvolvimento afetivo e cognitivo do que resolver a questão da motivação das ações morais. Foi, aliás, para tentar estudar essa questão que escrevi o livro “Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas”, no qual defendo, apoiando-me em certos autores, que quando os valores morais estão intimamente associados aos valores que compõem as representações de si, eles são, aí sim, força motivacional poderosa para a ação moral. Se tais valores morais forem periféricos em relação as representações si, têm pouca força motivacional. O sentimento de vergonha desempenha papel importante. Exemplo simples: o que causaria mais vergonha em alguém, fracassar num concurso respeitando as regras, seguindo-as honestamente, ou vencê-lo burlando-as? Se o que mais ‘machuca’ o sujeito (a vergonha é uma ferida narcísica) é fracassar, aumentam as chances de ele procurar burlar as regras do dito concurso ou de, por exemplo, não avisar da sua existência amigos potencialmente interessados e, logo, potencialmente concorrentes. Agora, se o que mais causa vergonha é ver-se como pessoa desonesta e amigo infiel, os amigos serão avisados e as regras do concurso serão respeitadas. Finalizemos com uma pergunta: a sociedade atual valoriza mais os ‘vencedores’ ou as pessoas honestas e justas? E é evidente que as valorizações sociais desempenham papel importante na construção das representações si.

Revista Schème: Em situações extremas como guerras e pandemias frequentemente ouvimos as pessoas falarem sobre as oportunidades de gestos solidários e generosos. São essas situações, de fato, oportunidades para que a humanidade aprenda sobre essas virtudes tornando-se mais solidárias e generosas?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Eu gostaria de poder responder pela afirmativa, mas, infelizmente creio que esses arroubos de solidariedade e generosidade, embora admiráveis e sinceros, são, para as pessoas que antes não se mostravam generosas e solidárias, passageiros. Quero dizer com isto que são poucas as pessoas que acabam por associar duradouramente tais virtudes à sua personalidade. O esquecimento está na esquina. Dou um exemplo recente que se assemelha à pergunta formulada. Na França, em 2015, houve graves atentados terroristas (Charlie Hebdo, Bataclan, Nice) que levaram os franceses a uma grande união diante do drama com um efeito raro naquele país: admiração e a simpatia em relação aos policiais. Renaud, um compositor francês famoso pela sua crítica a eles, chegou a gravar uma canção chamada J'ai embrassé un flic (eu beijei um tira) para mostrar a excepcionalidade do momento. Pois bem, três anos depois, os tais 'flics' voltaram a ser criticados quando não vilipendiados por muitos membros da população, provavelmente por Renaud ele mesmo. Atualmente, nessa mesma França, os enfermeiros são vistos como heróis em razão de sua dedicação nos hospitais abarrotados. No cair da tarde, pessoas vão às janelas para manifestar seu louvor a esses profissionais. As pessoas que trabalham nos caixas de supermercados também são alvo de uma inédita admiração, respeito e gratidão. Mas será que isso vai durar após a pandemia? Tenho minhas dúvidas. A formação moral, seja com que virtudes se a pense, é processo demorado. Logo, eventos passageiros, esses 'choques de moralidade', podem despertar, momentaneamente, sentimentos nobres que gostaríamos que fossem perenes, mas, em muitos casos, eles acabarão por murchar. E não vamos esquecer também que nesses momentos trágicos, há pessoas que se mostram totalmente insensíveis e até desonestas aproveitando-se da situação para tirar vantagens financeiras – por exemplo, vendendo equipamentos médicos indispensáveis acima do preço – e/ou políticas – por exemplo, procurando aprovar leis impopulares que passarão despercebidas devida a grande e quase exclusiva atenção dada à tragédia.*

Revista Schème: Quando lemos seu livro “Formação Ética – do tédio ao respeito de si” (2009), identificamos trechos que parecem ter sido escritos semana passada. Dez anos depois, como vê a cultura do tédio e da vaidade e a cultura do sentido e do respeito de si?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Tomo com um elogio dizerem que trechos do meu livro parecem ter sido escritos recentemente (o livro foi escrito em 2007 e publicado dois anos depois). Se isso for, de fato, verdade, significa que a leitura crítica que fiz da cultura não era apenas uma fotografia instantânea. E, pelo menos do meu ponto de vista, permaneço identificando no mundo de hoje tanto uma ‘cultura do tédio’ quanto uma ‘cultura da vaidade’. Mais ainda: penso que o mundo de hoje é até pior que aquele que eu enxergava e analisava em 2007. Por exemplo, eu estava longe de imaginar que dez anos depois veríamos no Brasil e no mundo a volta de posições autoritárias, a nostalgia de tempos ditatoriais (traduzida no Brasil pela atração por atos institucionais como o triste AI5), a volta de nacionalismos xenófobos, a quase ausência de possibilidade de diálogos entre pessoas de posições diferentes, em uma palavra, a volta, forte, de posições sectárias e reacionárias. Houve, pelo menos para uma parte da população, o que eu identificaria como regressão. Será que houve uma regressão individual que levou pessoas antes autônomas, cooperativas, amantes da justiça e da dignidade a negarem esses valores? Não sei, mas, se for o caso, dificilmente o fenômeno poderia ser explicado pela teoria de Piaget. Será que podemos explicar tal regressão, admitindo que ela realmente exista, pelos efeitos de uma ‘cultura do tédio e da vaidade’? Precisaria pensar. Mas há pelo menos um aspecto da ‘cultura do tédio’, ou seja, da falta de sentido, que me parece relevante hoje: o desapego em relação à verdade e à memória histórica. No capítulo dois do meu livro, no qual proponho estratégias educacionais para que vingue uma ‘cultura do sentido’, sublinho dois aspectos que me parecem incontornáveis e que são justamente o apego à verdade e à memória histórica, ou seja, ao conhecimento do que aconteceu no passado para procurar entender o presente. Ora, como acabo de dizer, vemos que a busca da verdade ficou, para muitos, em segundo ou até em terceiro plano, o que os faz reféns dos mal-*

intencionados criadores das já famosas Fake News, e vemos também uma ignorância, às vezes crassa, do que aconteceu no passado, o que faz alguns aderirem a valores autoritários e xenófobos que, há menos de um século, causaram as tragédias que sabemos. Precisamos mais do que nunca de uma 'cultura do sentido' e de uma cultura de respeito de si', respeito esse, se minha abordagem de psicologia moral for correta, incontornável para a ação moral.

Revista Schème: Quais as linhas de estudo que consideraria importantes para esse momento na Psicologia e Educação Moral? Importantes no sentido de potencial de intervenção para educação de jovens e crianças?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *O último texto que escrevi a respeito de educação moral e formação ética é justamente o que acabamos de comentar. Logo, já faz um bom tempo que não reflito sobre educação e não saberia responder a essa pergunta a não ser sugerir pesquisas básicas justamente para entender esse fenômeno que chamei de regressão e pensar estratégias educacionais para tentar reverter essa tendência. Por exemplo, na França, Manuel Tostain e Joëlle Lebreuilly realizaram, há alguns anos já, um estudo que mostra o recrudescimento da valorização da responsabilidade chamada objetiva em detrimento da valorização da responsabilidade subjetiva, e também a tendência a adotar valores morais repressivos e retributivos, dados estes que apontam para uma regressão. Falo um pouco dessa pesquisa num artigo meu intitulado "Moral e contemporaneidade", publicado em 2019 na revista Shème. Mas não teria muito mais a dizer a não ser lembrar que, no Brasil, são desenvolvidas várias pesquisas na área de educação moral. Eu citaria estudiosas desse tema como Suzana Menin, Luciene Tognetta, Telma Vinha e Luciana Caetano. E tem mais gente.*

Revista Schème: Em 2014 seus leitores assíduos foram surpreendidos por um livro sobre humor e tristeza. Embora fique clara a análise feita com base na ética e moral, gostaríamos de perguntar o que o motivou a essa escolha. As piadas e brincadeiras vistas em programas stand up muitas vezes tocam em temas sensíveis. Há limite para o humor?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Quando publiquei, em 2006, meu livro “Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas”, livro esse que sintetiza o essencial do que eu havia elaborado até então na área de Psicologia Moral, perguntei-me: o que fazer de agora em diante? Duas opções se apresentavam a mim. A primeira: permanecer aprofundando a abordagem teórica apresentada no referido livro. A segunda: como formulado na pergunta, empregar minhas reflexões sobre ética e moral para analisar elementos da cultura. Optei por deixar a orientandos meus que o desejassem a primeira opção, e fiquei pessoalmente com a segunda. Foi que fiz no livro “Formação ética: do tédio ao respeito de si”: para apontar estratégias educacionais, pensar a cultura na qual vivemos, a chamada pós-modernidade, justamente por intermédio da ética, da moral, e da articulação entre ambas. Escrito esse texto, escolhi meditar sobre o humor, e passei dois ou três anos lendo e pensando a respeito, permitindo-me até eu mesmo tentar fazer humor com o meu pequeno livro “Ética para meus pais”. Por que o humor? Basicamente por três razões. A primeira, digamos, objetiva: a importância do humor em todas as culturas e isto desde tempos remotos como o mostra Georges Minois no seu o livro L’Histoire du rire et de la dérision. A segunda, também objetiva: a grande presença do humor na cultura contemporânea. A terceira, totalmente subjetiva: meu interesse particular pelo tema sobre o qual eu já havia lido desde a década de noventa.*

Quanto à pergunta a respeito de limites para o humor, ela é central para meu intento, tanto que chamei o livro de “Humor e tristeza: o direito de rir”. Poderíamos reformular a pergunta da seguinte forma: temos o direito de rir de tudo?

Para alguns, a resposta é afirmativa. Por exemplo, o humorista brasileiro Danilo Gentili afirma com todas as letras não ter critério social algum na escolha do alvo de suas piadas: se ela é engraçada, vale rir. Rafinha Bastos e Marcela Leal, dois outros humoristas brasileiros, têm posição semelhante: temos o direito de rir de qualquer um e de qualquer coisa. Tal não é a posição do grande humoristas francês Raymond Devos que diz, cito, “se você degrada coisas já degradadas, você as ameaça de morte”. Embora meu livro não tenha sido escrito para resolver normativamente essa questão moral, deve ficar claro que me inclino claramente a concordar com declarações como esta de Raymond Devos e a achar até aberrantes posições como a de Gentili, pois negam a responsabilidade social dos humoristas como se o trabalho deles os colocasse numa esfera paralela imune a toda e qualquer crítica e até condenação moral. E se nós repararmos bem, veremos que os grandes humoristas como Charlie Chaplin, Jacques Tati, Raymond Devos, Luis Fernando Veríssimo, Adoniran Barbosa e outros mais nunca escolhem formas de humor que humilhem seus alvos. Para eles aplica-se uma fórmula que proponho no livro: eles ‘nos fazem rir de um mundo cruel’. E a eles não se aplica outra fórmula que também proponho: eles nunca ‘nos fazem rir cruelmente do mundo’. Por exemplo, quando Woody Allen nos fala humoristicamente de uma família – “no dia em que meus pais entenderam que eu realmente havia sido sequestrado, eles agiram prontamente: alugaram meu quarto” – ele está rindo de um mundo cruel, no caso, o desamor de pais. Outro exemplo de rir de um mundo cruel é o filme “A Vida é Bela” de Roberto Begnini. Agora, pensemos na seguinte ‘piada’, e coloco piada entre aspas: “qual a semelhança entre um carro com pneu furado e uma crioula grávida? Os dois estão esperando um macaco”, tem-se um exemplo de rir cruelmente do mundo. Aliás, note-se que a grande maioria de piadas racistas, homofóbicas, sexistas encontram-se nessa categoria. Para finalizar minha resposta sublinho o fato de a moral fazer parte do despertar do riso. Por exemplo, quando Rafinha disse que as mulheres feias deveriam agradecer a seus esturpadores, certamente machistas de toda estirpe riram, mas as pessoas que respeitam as mulheres absolutamente não tiveram vontade de rir. A valores diferentes, notadamente morais, correspondem risos diferentes.

Revista Schème: Seu último livro faz uma análise das músicas de Chico Buarque de Hollanda (Paisagens da Dignidade) evidenciando que suas reflexões sobre o tema da ética vão se expandindo para o campo das artes. Considerando que a vida imita a arte ou a arte imita a vida, qual a obra artística (musical, plástica, teatral...) que melhor descreveria o momento atual do Brasil em sua opinião?

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Ocorre-me uma resposta no fundo nada original: o romance “A peste”, de Albert Camus, tanto pelo seu tema material – epidemia que está na ordem do dia entre nós– quanto por uma de suas interpretações – resistência política, que também está na ordem do dia no Brasil.*

Revista Schème: Gostaríamos de saber, por fim, quais seus planos ou projetos futuros no que se refere a escrita de livros ou textos.

Prof. Dr. Yves de La Taille: *Um novo livro meu deve sair em setembro (se a crise econômica não sabotar definitivamente editoras e livrarias). Chama-se “Paisagens da solidão” e foi feito no mesmo molde do livro “Paisagens da dignidade na obra musical de Chico Buarque de Hollanda”, a saber, pensar o tema escolhido por intermédio de canções, mas também de literatura e filmes. Tive tanto prazer ao escrever a partir das canções do Chico que resolvi retomar a experiência com o tema da solidão, mas, desta vez, sem um compositor central. O universo musical foi meu primeiro grande amor e a ele me dediquei de forma amadora nas décadas de setenta e oitenta (tem até coisa minha no YouTube!) No momento em que nos falamos, não tenho projeto para um novo livro. Tenho escrito pequenos textos, notadamente sobre aspectos do cotidiano atual. O último*

em data, também inspirado numa letra de Chico Buarque (“Agora falando sério”) intitula-se “Um silêncio tão doente”: fala da regressão moral e intelectual atual que rapidamente comentei durante a entrevista. Veremos qual será o próximo pequeno texto ou livro. Hoje, não faço ideia.